

## **Forrest Gump e o imaginário norte-americano<sup>1</sup>**

Larissa Caldeira de FRAGA <sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

### **Resumo**

Como uma Tecnologia do Imaginário, o cinema produz mitos, visões de mundo e estilos de vida. Através do filme *Forrest Gump* (Zemeckis, 1994) foram analisados quais aspectos da cultura norte-americana são difundidos, formando o imaginário dos Estados Unidos. Para isso, o referencial teórico vai abordar os estudos sobre Tecnologias do Imaginário (Silva, 2012), a Sociologia do Imaginário (Legros et al., 2014) e a história e cultura norte-americana (KARNAL, 2014). As questões políticas, a guerra, a luta pelos direitos civis e a influência da cultura afro-americana foram as características do país disseminadas pelo filme.

### **Palavras-chave**

cinema; imaginário; tecnologias do imaginário; imaginário norte-americano.

### **Introdução**

O imaginário abrange as nossas crenças, visões de mundo, sonhos e fantasias. Ele compreende aspectos históricos e culturais de um povo ou grupo. Se refere as lembranças da infância, angústias, projeções do futuro, utopias, fantasias, mitos e crenças. O imaginário norte-americano reúne todos os aspectos da cultura, valores e tradições que os Estados Unidos disseminam através do seu modo de vida, que é divulgado na mídia. O cinema, em especial Hollywood, é visto como um meio de propagação cultural do país. O cotidiano, a moda e tendências são inspirados nas histórias da fábrica de sonhos hollywoodiana.

Silva (2012) propõe o conceito de tecnologias do imaginário, que aborda a televisão, o rádio, a internet e o cinema com disseminadores de imaginários. Essas tecnologias criam laço social, que une as pessoas e partilham valores e imagens em conjuntos. São mecanismos de intervenção social e de produção do simbólico. Segundo o autor, não há laço social sem imaginário.

O Filme *Forrest Gump* conta a história do personagem que dá nome ao filme, que em várias fases da sua vida se depara e participa de grandes momentos da história dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento proponente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: larissacfraga@gmail.com

Estados Unidos. Desde a infância, Forrest passa a influenciar em muitos aspectos culturais do país. É ele quem inspira o rei do Rock, Elvis Presley, observando os passos do garoto com o seu aparelho ortopédico, a fazer a sua irreverente dança. O personagem se torna também um herói da Guerra do Vietnã e tem a oportunidade de conhecer alguns presidentes dos Estados Unidos. Assim, o filme acaba de um modo lúdico propagando a história e o modo de ver o mundo dos norte-americanos.

### **Imaginário e Tecnologias do Imaginário**

Para Legros (2014), a vida dos homens é submetida a imaginários, sejam eles representados nas artes (cinema, fotografias) e nas construções mentais e coletivas individuais. “O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas, dos grupos sociais (...) O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS et al., 2014, p.10)

O imaginário é o museu de todas as imagens já produzidas e a serem produzidas, segundo Durand (1998). É o capital pensado do homo sapiens, onde se encontram todas as criações do pensamento humano. Por outro lado, Silva (2012) defende que o imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais, muito menos um museu da memória coletiva e social. O imaginário é uma rede etérea ou movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2012, p.9).

O imaginário não é sinônimo de imagem. Para Maffesoli (2001), é o imaginário que produz a imagem e não o contrário. A partir do imaginário é criado um conjunto de imagens. Ela não é o suporte, é o resultado. Também não pode ser confundido com a cultura. Esta é mais ampla, não se reduz ao imaginário. “A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p.75). A cultura pode ser identificada através do teatro, literatura, música, fatos do cotidiano, costumes, maneira de vestir. Já o imaginário, segundo Maffesoli (2001), está em uma dimensão ambiental, uma atmosfera. É uma força de ordem espiritual. Uma construção mental.

Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Neste sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltarmos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo,

mais do que essa cultura: é a aura que ultrapassa e alimenta.  
(MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Silva (2012) acredita que o que separa uma cultura da outra é o imaginário. É a representação que cada cultura faz de si mesma. Imaginário e cultura coabitam e coexistem, mas não se equivalem. “A cultura é um dado objetivo; o imaginário, a subjetividade compacta e inexorável. A objetividade da cultura diluiu-se nas águas pesadas da atmosfera imaginal”. (SILVA, 2012, p.16).

As tecnologias do imaginário são “dispositivos de intervenção, formação, inferência e construção de ‘bacias semânticas’, que determinarão a complexidade dos ‘trajetos antropológicos’ de indivíduos ou grupos” (SILVA, 2012, p 20). Elas estabelecem laço social, que une as pessoas em sociedade, e se atualiza pela força de valores partilhados, de imagens acompanhadas em conjunto. Também impõe o mecanismo da produção simbólica da Sociedade do Espetáculo, discutida por Guy Debord, que é caracterizada pela relação entre pessoas mediada por imagens.

Essas tecnologias produzem mitos, visões de mundo e estilos de vida. Silva (2012) defende que as tecnologias do imaginário buscam mais do que a informação. Elas trabalham para povoar o universo mental como um território de sensações fundamentais. O cinema é considerado uma tecnologia do imaginário, que empurrou a produção simbólica ao seu apogeu industrial. Essa produção simbólica atingiu uma escala mundial, afetando as culturas, acabando com o original.

A sociologia do imaginário se interessa pela dimensão imaginária de todas as atividades humanas, abrange a sociedade no cotidiano, política, religião, ciência e literatura. Pretende ser uma sociologia das profundezas, pois busca as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que envolvem a sociedade. Segundo Legros (2014), ela tem quatro funções sociais. A primeira é a antropofisiológica, ligada a necessidade de devaneio. Também tem o intuito de regulação humana diante do que é incompreensível, como a morte. E tem a função de criatividade social e individual, representando os mecanismos da criação e relativizando a percepção do real. Além disso, é capaz de atribuir a comunhão social favorecendo os sistemas de representação, a memória coletiva e o mimetismo.

## **Cultura e História dos Estados Unidos - As guerras e a luta pelos direitos civis**

Para compreender o imaginário norte-americano, é preciso realizar alguns resgates históricos para entender aspectos da cultura do país e também contextualizar as referências usadas no filme *Forrest Gump* (Zemeckis, 1994). Depois de passar por uma Guerra Civil que dividiu o país, os Estados Unidos entraram no século XX como o maior poder econômico do mundo. A produção industrial, controlada por grandes monopólios, superava a europeia. A imigração massiva consolidou grandes metrópoles como Nova York, Chicago e Filadélfia. Apenas durante os 15 primeiros anos do século XX, mais de 13 milhões de pessoas se instalaram no país.

Os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, em 1917, em apoio à Entente do Reino Unido, França e Rússia para derrotar a Alemanha. A guerra oportunizou aos políticos a consolidação da supremacia econômica do país e alívio aos conflitos internos. No período pós-guerra a produção industrial cresceu 60%, a renda per capita aumentou um terço, o desemprego e a inflação caíram. Os avanços tecnológicos possibilitaram a criação de produtos como veículos, eletrodomésticos e bens de consumo a preços mais acessíveis. As pessoas eram vistas pelo país não só como cidadãos, mas como consumidores. “Circulavam entre as massas produtos antes restritos aos ricos - carros, luz elétrica, gramofone, rádio, cinema, aspirador de pó, geladeira e telefone - o “jeito americano de viver” (*American Way of Life*) tornou-se o slogan exaltado do período” (KARNAL, 2014, p. 198).

Apesar disso, Karnal (2014) revela que esta sociedade de consumo, em que a capacidade de consumir era vista como principal direito da cidadania, não foi totalmente realizada até a Segunda Guerra Mundial. A realidade é que a distribuição de renda ainda era desigual na sociedade. Seis milhões de famílias pobres, que formavam 42% da população, viviam com menos de mil dólares por ano. A situação ficou ainda pior a partir do dia 24 de outubro de 1929. A bolsa de valores dos Estados Unidos caiu um terço, provocando a pior crise econômica na história do capitalismo mundial. “Para quem está acostumado com a imagem do típico americano abastado do período pós Segunda Guerra Mundial é difícil conceber a extrema miséria da Grande Depressão” (KARNAL, 2014, p.206). Até 1932, cinco mil bancos faliram, a produção industrial caiu 46%, mais de 15 milhões de americanos ou 25% do total da população economicamente ativa ficaram desempregados. O país somente se recuperou economicamente após a Segunda Guerra.

No início do século XX, grande parte da elite se baseava na doutrina do darwinismo social, “segundo a qual o grande poder político e econômico refletia o sucesso natural dos mais aptos da sociedade” (KARNAL, 2014, p. 175). Essa ideologia de superioridade serviu como justificativa para a segregação da população negra e políticas discriminatórias contra a população indígena, latino-americana e imigrante. Nos anos 1890, surgiu um novo sistema de subordinação racial a partir do sul do país, que era ex-escravista. Nessa região, os negros perderam o direito ao voto e foram segregados socialmente.

Negros e brancos não podiam mais “se misturar” ou conviver nos espaços públicos. Escolas, serviços públicos e lojas reservavam aos negros instalações separadas, assinaladas por placas bem visíveis afixadas em locais como bebedouros, salas de espera, restaurantes e ônibus, diferenciando “pessoas de cor” e “brancos”. Negros também não podiam frequentar diversos parques e praias ou ser atendidos em vários hospitais. (KARNAL, 2014, p. 181)

Segundo Karnal (2014), nos primeiros anos do século XX, a precarização da vida, o racismo e a oferta de trabalho nas indústrias do norte do país, provocaram o êxodo de negros do sul para o norte. Apesar disso, no norte havia uma segregação informal, mas mesmo assim trazia a esperança de prosperidade e liberdade social. Assim, comunidades negras cresceram, como na zona sul de Chicago e no Harlem em Nova Iorque. Ampliou-se o número de igrejas de fiéis negros, bares e casas de show para esse público. Com esse espaço de proliferação da cultura negra surgiu o jazz e o blues. O blues misturava ritmos e melodias africanas e europeias. As letras das músicas abordavam a exploração econômica e a discriminação racial.

Na década de 1950, a luta pelos direitos civis tomou força com o empenho de Martin Luther King Júnior e outros homens que se engajaram contra a discriminação racial. Os negros do sul ainda tinham poucos direitos civis e políticos. Não tinham direito ao voto. “Os que tentaram recensear-se enfrentaram a possibilidade de espancamentos, perda de emprego, perda de crédito ou expulsão das suas terras” (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p.301).

A música popular também refletia o descontentamento da população negra. “Não é surpresa que os afro-americanos, os mais marginalizados da sociedade americana, tenham fornecido o principal componente, o blues, da nova linguagem musical, o Rock and Roll”. (KARNAL, 2014, p. 234). Para Karnal (2014), a atração dos brancos pela música afro-

americana rompeu com as construções contemporâneas de diferença racial, influenciando as lutas para inclusão social dos anos 1960 e 1970.

Houve um grande estouro dos movimentos por direitos civis em massa nos anos 1960. Foram organizados diversos comícios. O maior deles, conhecido como “Marcha de Washington” reuniu mais de 200 mil pessoas na capital do país em 1963.

(...) O climax de um dia de cânticos e discursos veio com o discurso de Martin Luther King Jr., que emergiu como o porta-voz dos defensores dos direitos civis. “Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, filhos de ex-escravos e filhos dos seus antigos senhores poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade”, proclamou. Cada vez que ele repetia o refrão “eu tenho um sonho”, a multidão exultava. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p. 153)

Na segunda metade da década surgiram os movimentos Black Power, a partir dos ideais do ativista Malcom X, que defendia a valorização do poder dos afro-americanos. O Partido dos Panteras Negras, criado por universitários negros da Califórnia em 1968, enfrentou policiais racistas e fez alianças com progressistas brancos contra a guerra. Nos bairros negros das grandes cidades, os Panteras ganharam bastante popularidade com a política de orgulho negro. Nos anos 1960 e 1970, o movimento negro teve algumas conquistas. Os afro-americanos podiam comer em restaurantes e usar serviços públicos. Nas regiões norte e sul do país as escolas acabaram com a política de segregação. Apesar disso “a maioria dos negros permaneceu desproporcionalmente pobre. Em 1977, a renda da família negra era somente 60% da renda da família branca”. (KARNAL, 2014, p. 249). Karnal (2014) revela que o movimento por direitos civis deixou como herança avanços nas décadas seguintes. Em 1990, o número de estudantes negros no ensino superior passou de 5%, no fim dos anos 1970, para 12% nos anos 1990. Apesar de avanços, ainda há muitas desigualdades sociais entre brancos e afro-americanos.

### **Forrest Gump e o imaginário norte-americano**

O filme de 1994 conta a história de Forrest Gump, um menino que nasceu na cidade de Greenbow no Estado Alabama, e que através da sua vida, acompanha os principais fatos da história dos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1980. Os aspectos da cultura norte-americana mais divulgados no filme foram as questões políticas, a guerra e a luta pelos direitos civis e a influência da cultura negra.

Desde criança, Forrest, de alguma forma, tem a sua vida relacionada com a cultura afro-americana. O próprio nome Forrest Gump foi escolhido pela mãe do garoto em inspiração ao nome do fundador da organização racista Ku Klux Klan, Nathan Bedford Forrest. No filme, o criador da corrente segregacionista é citado como herói da Guerra Civil. Segundo Karnal (2014), o grupo era ancorado numa antiga tradição de linchamento de negros. Era uma entidade moralizante, de defesa da honra, dos costumes e da moral cristã. Isso acaba sendo uma grande contradição no filme, já que o protagonista durante toda a sua trajetória participa, sem tomar partido, de grandes momentos na luta pelos direitos civis dos afro-americanos e o seu melhor amigo é negro.



Figura 1 - Forrest Gump inspira Elvis Presley com seu modo de dançar.

Também na infância Forrest conhece o Rei do Rock, Elvis Presley. Ainda nos tempos de anonimato, o cantor teria se hospedado na pensão da mãe do protagonista. O ícone da cultura popular americana popularizou o novo estilo da música negra proveniente do Blues. No filme, Forrest teria inspirado o artista a criar a sua irreverente e famosa dança.

(...) O cantor do Tennessee, Elvis Presley, foi o mais bem-sucedido de vários artistas brancos que popularizaram um estilo sensual e vibrante de música afro-americana, que começou a ser chamada “Rock and Roll”. Ao princípio escandalizou os americanos da classe média com o seu corte de cabelo à raba de pato e suas ancas ondulantes. Mas dentro de poucos anos os seus espetáculos pareceriam relativamente inofensivos ao lado das extravagâncias de artistas que surgiram depois como os britânicos Rolling Stones. (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 2012, p.298)

Já na universidade, o protagonista presencia um fato histórico para a comunidade negra do Estado do Alabama. Em 1963, o exército garantiu o acesso dos primeiros negros na universidade estadual. O governador George Wallace tentou bloquear a entrada dos alunos. Os estudantes conseguiram ingressar na instituição, mas só após o presidente



Kennedy ordenar que o exército usasse a força se fosse preciso. Após se formar na universidade, Forrest se alista no exército. E é nas Forças Armadas que ele conhece o seu melhor amigo, Bubba, também afro-americano. A última referência que o filme faz a cultura afro-americana é no encontro de Forrest com os integrantes do grupo Panteras Negras após voltar da Guerra do Vietnã.



Figura 2 - Forrest Gump com integrante do Partido dos Panteras Negras

O imaginário político da época também foi bastante difundido no filme. A história retratou cinco atentados contra políticos. Após de se candidatar à presidência, o Governador George Wallace foi o primeiro a ser baleado. Depois o presidente Kennedy e seu irmão também são atingidos por disparos de armas e morrem. E por fim, os presidentes Ronald Reagan e Gerald Ford sofreram tentativas de assassinato.

Outra característica do imaginário norte-americano presente no filme e que permanece até os dias atuais é a valorização e orgulho da participação do país em várias guerras. Forrest, como soldado da Guerra do Vietnã, conheceu o tenente Dan. A família de Dan participou de todas as guerras americanas e pelo menos um integrante da família morreu em cada batalha. O personagem revela desapontamento por ter sido salvo por Forrest e não ter morrido e se tornado um herói de guerra e seguido a tradição familiar. E é Forrest que se torna um herói de guerra. Salva os colegas em combate, é condecorado pelo presidente e concede entrevistas na televisão. Os Estados Unidos são o país com o maior exército do mundo. Possui mais de um milhão<sup>3</sup> de soldados e o gasto militar por ano ultrapassa 300 bilhões de dólares. Ainda possui o maior arsenal nuclear e os mais modernos armamentos do mundo.

---

<sup>3</sup> Site editora Abril. Disponível em <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quais-sao-os-dez-exercitos-mais-poderosos-do-mundo>>. Acesso em 23 de julho de 2015.



Esse orgulho pela guerra e seus heróis reflete a mudança ocorrida com o país depois dos combates. A história e o desenvolvimento econômico do país estão relacionados com as suas participações nos conflitos. Foi depois da Segunda Guerra que o país se tornou uma potência. A população teve uma melhora na qualidade de vida depois dos combates. Antes disso, o país havia passado pela grande recessão a partir de 1929. Com a Segunda Guerra Mundial, o país pôs fim à Depressão e ao desemprego. O Produto Interno Bruto dobrou em quatro anos. Os Estados Unidos saíram da guerra como líder militar e econômico do mundo.

(...) A Economia do país passou a ser controlada mais do que nunca pelas grandes corporações que moldaram um consenso político nos anos 1950, garantindo melhores salários para muitos trabalhadores em troca do controle conservador da economia e sociedade. Esse acordo foi baseado numa política fortemente anticomunista, que levou o país a uma guerra “fria” contra ameaças “radicais” além mar e dentro das fronteiras nacionais. No entanto, sobreviveram vozes alternativas deplorando a conformidade social e cultural, a falta de direitos civis e os limites da afluência econômica. (KARNAL, 2014, p.218)



Figura 3 - Comercial da marca de cerveja Budweiser na televisão norte-americana durante o Superbowl, em 2014. Na legenda “Todo soldado merece as boas vindas de um herói”.

Por isso, até hoje é possível ver a exaltação aos heróis de guerra. Durante o Superbowl, a final do campeonato de futebol americano, em 2014, a marca Budweiser divulgou um comercial na televisão norte-americana, que mostra um soldado voltando para casa. No vídeo, o jovem é recepcionado por toda a sua cidade. Em cartazes, são dadas as boas vindas e agradecimentos ao combatente. Esse comercial, divulgado no espaço publicitário mais caro do mundo e com a maior audiência, mostra que mesmo depois de décadas sem fazer parte de uma grande guerra, e depois de vinte anos do lançamento do filme Forrest Gump, os Estados Unidos têm um forte sentimento e nacionalismo relacionados a guerra. Essa característica faz parte do imaginário norte-americano. A guerra

foi a salvação em tempos difíceis e está relacionada com a identidade nacional, por isso é tão valorizada e reforçada através das tecnologias do imaginário, como o cinema e a televisão.

### **Considerações Finais**

O filme Forrest Gump dissemina imaginários já consolidados pela história e cultura norte-americana ao longo dos anos. É a propagação dos aspectos culturais de um país que contribui para a formação do imaginário. São essas características históricas e culturais que constituem o imaginário.

O cinema é uma tecnologia do imaginário, pois estabelece laço social, em que todos se unem pelo mesmo sentimento. No filme, é representada a luta pelos direitos civis e as conquistas dos negros, que levou muitas décadas e exigiu ativismo social. Barack Obama se tornou o primeiro presidente afro-americano da maior potência mundial e isso só foi possível graças a luta pelo direito de igualdade de raças ao longo dos anos. E esse sentimento em conjunto de luta pelos direitos constitui também o imaginário norte-americano que permanece até hoje. A questão da guerra também une os americanos em torno do mesmo sentimento. O culto aos heróis de guerra e o patriotismo fazem parte da cultura do país e são constantemente dinamizados através das tecnologias do imaginário.

O modo de vida dos norte-americanos é propagado na televisão, em suas séries e programas, no cinema, em que Hollywood domina a indústria em todo o mundo e alcança milhões de espectadores. Assim, pode-se dizer que os Estados Unidos possuem as tecnologias do imaginário com maior capacidade de propagação das visões de mundo dos norte-americanos.

### **Referências**

CRUNDEN, Robert M. **Uma Breve História da Cultura Americana**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1990.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. **Um esboço da História Americana**. Escritório de Assuntos Públicos, 2012. Disponível em: [http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/OutlineofUSHistory\\_Portuguese.pdf](http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/OutlineofUSHistory_Portuguese.pdf)

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem: Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2014.

LEGROS, Patrick, MONNEYRON, Frédéric, RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma Realidade (entrevista)**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.